

A tradição de narrar acabou? uma releitura do conto “Feliz ano novo”, de Rubem Fonseca*

Cristiano Mello de Oliveira**

Resumo. O estudo centra-se em filosofar a forma de narração, tradições e valores que ficaram em decadência na literatura brasileira. Sendo assim, iremos investigar diferentes teóricos que abrangem essa peculiaridade de estudo. Buscaremos tecer considerações sobre a existência do ser humano e o mundo artístico da literatura. Machado de Assis manteve sempre um narrar tradicional que encantava o leitor. Em contraponto, Rubem Fonseca constituía o tipo de narrador cinematográfico e frenético. Por meio dos pressupostos teóricos de Walter Benjamin no seu ensaio *O narrador*, buscaremos aproximar ao máximo das suas discussões a questão da decadência desse contador de histórias.

Palavras-chave. Tradição; Narrar; Pós-moderno; Rubem Fonseca; “Feliz ano novo”.

Abstract. The study focuses on how to theorize storytelling, traditions and values that were in decline in Brazilian literature. In order to so, the study investigates different theoreticians involved with this particular topic in an attempt to comment on the existence of the human being and the artistic world of literature. Machado de Assis has always maintained a traditional narrative that charmed the reader as opposed to Rubem Fonseca who was a frenetic and cinematic narrator. Through the theoretical assumptions of Walter Benjamin in his book *The narrator*, the study tries to relate his discussions to the decadence of this storyteller.

Keywords. Tradition; Post-modern; Rubem Fonseca; “Feliz ano novo”.

Eles, porém, recusaram tudo, com simplicidade, dizendo que a filosofia bastava ao filósofo, e que o supérfluo era um dissolvente.

Machado de Assis

Será que a prática de ler uma boa narrativa coberta de tradições está acabando? Cadê as citações eruditas desdenhadas por meio do zelo pelo intelecto? ¹ Cadê a filosofia incorporada à própria obra? Os romances históricos também estão desaparecendo? Os clássicos estão sumindo das bibliotecas e dos leitores? Cadê o público da *belles-lettres*? O crítico Ítalo Calvino já havia justificado: “Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na

^{*} Estas considerações foram inspiradas por *O narrador*, ensaio crítico de Walter Benjamin.

^{**} Mestrando em literatura. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: literariocris@hotmail.com

¹ José Guilherme Merquior, no ensaio “Machado em perspectiva”, escreve a respeito das citações na narrativa machadiana: “Machado realmente cita com abundância, é o campeão das citações na literatura brasileira, e faz um uso muito especial dessas citações.” (MERQUIOR, 1990, p. 36)

genealogia.” (CALVINO, 2002, p.14) Aquela obra que nos surpreendia e deixava com os olhos cheios de emoção, expectativa e suspense para saber o final estão sumindo. Tentávamos imaginar tangencialmente como esse escritor conseguiu produzir tal obra. Uma das causas desse fenômeno é óbvia e remete-nos a conjunturas específicas: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo:

Não há mais o aventureiro, tão somente homens sedentários. Findaram os viajantes que vinham de longe e traziam em suas retinas o phaos de suas aventuras: daquilo que vislumbraram os seus sentidos e seu coração, contando aos ouvintes suas façanhas ou “Odisseias”, atribuindo ao conto um ar fantástico, heroizando-se diante de suas narrativas. (FRED, 2005, p.12).

O escritor, muito inquieto, que se espalhava de línguas vernáculas, culturas distintas, erudições universais literárias, citações bíblicas, crenças populares das mais diversas, musicalidade exótica, é cada vez mais raro de ser encontrado em grandes centros culturais. Não obstante, esse narrador acessa e utiliza uma sequência de inovações apreendidas em sua cultura para contar histórias, dependendo sobremaneira da audiência de um público, com a qual ele interage, selecionando assim, de acordo com suas reações, uma inovação para desencadeá-lo da narrativa, mantendo dessa forma a possibilidade de segurar o interesse do seu público. A problemática maior é que essa sua têmpera nostálgica de valores morais está nitidamente entrando em extinção. Floreio retórico formal para cobrir a carência de profundidade? Aqui nosso ensaio não deseja abandonar o seu objeto e muito menos criarmos *obstáculos epistemológicos*² e sim identificar os possíveis valores que foram se perdendo na narrativa contemporânea.

Esse contador de histórias que por meio desse manancial produtivo tentava ao menos impressionar e cativar seus leitores está quase em extinção. Nesse sentido, esse mesmo narrador machadiano inquirir por meio da sua trama textual termos altamente retóricos, utilizados para manter a elegância e o respeito da sociedade exigente e letrada. Exemplos ilustres dessas características? Um bastante evidente é a forma singular como se faz referência em “Miss Dollar”, dos *Contos fluminenses*, de Machado de Assis. Podemos

² “Retardos ou perturbações que se incrustam no próprio ato de conhecer, apresentando-se como um instinto de conservação do pensamento, como uma preferência dada mais às respostas do que às perguntas e impondo-se como causas da inércia.” (JAPIASSU, 2006, p. 206)

verificar que com um tom de sabedoria e mistério o escritor carioca surpreende os leitores e cativa um público fiel as suas histórias:

A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do *roast-beef* britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. Uma tal Miss Dólar deve ter o poeta Tennyson de cor e ler Lamartine no original; se souber o português deve deliciar-se com a leitura dos sonetos de Camões ou os *Cantos* de Gonçalves Dias. (MACHADO DE ASSIS, 1975, p. 53)

Mescla de erudição em um único enxerto? Sabemos que isso surpreendia todos os seus leitores. Linhas caudalosas floreadas de mistério e sedução flagrantemente a serviço da estrutura narrativa, buscando por meio do húmus profundo os valores perdidos de uma sociedade. Obviamente que esse não acatamento dos valores repassados por meio da narração clássica de histórias prejudicava bastante a transmissão de uma moralidade ou a perpetuação de uma memória. Tais características impulsionavam muitos críticos a se debruçarem sobre a obra machadiana e conseqüentemente queimarem as pestanas de tanto interpretarem. A começar pela busca incansável das fontes citadas, porém amiúde raras de serem encontradas. Vejamos o comportamento de um bom contador de narrativas, segundo a concepção de Machado de Assis:

Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador; afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. (MACHADO DE ASSIS. “História de 15 Dias”, 15 mar. 1877)

Podemos verificar que, ao perder toda essa tradição erudita consagrada por Machado de Assis, as outras obras literárias contemporâneas e/ou modernas acabam gerando uma carência participativa muito decadente, pois as experiências narrativas do passado diretamente arraigadas nas tradições e valores são substituídas por sensações momentâneas e passageiras. As implicações

desses encadeamentos são diversas. Para o que interessa aqui, retenhamos/ enderecemos três específicas:

- 1) Quais os tipos das sensações temporárias?;
- 2) Quais são os exemplos disso no nosso cotidiano?; e
- 3) Como podemos postular isso?

Faremos uma breve digressão sobre as implicações dessas perguntas para que possamos nos situar melhor frente a elas.

Para abordar a primeira implicação, poderíamos sugerir uma hipótese consistente que toca a questão da própria comunicação humana. Contemporaneamente falando, é notável verificarmos uma forte preocupação e desconfiança com o discurso alheio. Ou seja, sempre estamos questionando a veracidade das histórias ou dos depoimentos narrados pelos outros. Além disso, contudo, podemos verificar que a comunicação entre os vizinhos também se extinguiu - antes era comum, principalmente nas cidades pequenas, as pessoas interagirem umas com as outros e compartilharem experiências de narrativas. O folclorista Câmara Cascudo tenta ao menos fornecer uma resposta:

Em cidade grande não há vizinho. Ignora-se o nome. Os moradores nos edifícios de apartamentos, próximos como em casa de térmitas, vivem mentalmente longe. Muito mais vizinhos são os amigos que vivem distanciados que os divididos por finas paredes de cimento armado. (CASCUDO, 2002, p. 18)

Atualmente, vivemos em uma Babel de línguas diferentes, um *locus* enunciativo em que cada cidadão fala sua língua e os diálogos acabam ficando mudos e vazios. Cada cidadão utiliza o seu jargão e seu interesse particular varia para cada assunto. As diferenças pessoais também colaboram para esse afastamento entre os sujeitos, pulverizando ainda mais a rede de contatos e amigos. Esses diálogos que se extinguíram ao longo dos anos também eram formas de palpitar na vida das pessoas. Vejamos o que narrador de *Memórias de um Sargento de Milícias* diz a respeito disso: “Espiar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas era naquele tempo coisa tão comum e enraizada nos costumes [...]” (ALMEIDA, 2005, p. 63) A prosa tradicional sempre era bem vinda nas cidades do interior.

Hoje a desconfiança impera entre as pessoas, principalmente na cidade grande. Consequentemente, isso tudo é incorporado à agitação do cotidiano e à febre do uso da rede mundial de computadores. Nos dias atuais, somos incapazes de construir elos sociais de lealdade e solidariedade com pares e colegas. Na grande cidade, perdemos a capacidade de olhar para cada pessoa e reagir a alguns tipos de situação em que precisamos ser solidários. Nossa visão vai objetivamente de encontro à disparidade das coisas, mas esse olho é ausente de pensar, como analogia, como podemos fazer com a insensibilidade objetiva de uma máquina de filmar. Parece inquestionável, hoje, a ridicularização da própria morte e das cenas de violência na televisão, nos *games* ou nos jornais. Cada ser humano vive na sua respectiva caverna. Como afirma o filósofo Gaston Bachelard, “O eremita está só diante de Deus. A cabana do eremita é o antítipo do mosteiro. Em torno dessa solidão centrada irradia um universo que medita e ora, um universo fora do universo.” (BACHELARD, 2003, p. 49) A solidão e o individualismo, assim como a decadência do ser humano, geram consequências depressivas graves para a sociedade. Por outro viés, Mikhail Bakhtin aponta desta maneira: “O homem privado e isolado, o homem para si, perdeu a unidade e a integridade que eram determinadas pelo princípio da sua vida pública.” (BAKHTIN, 2003, p. 254) As indagações surgem naturalmente: será que estamos com medo de nos relacionar com as pessoas? Ficaremos exilados em nossas casas até que ponto? O historiador Hobsbawm tenta uma resposta:

Essa sociedade, formada por um conjunto de indivíduos egocentros sem outra conexão entre si, em busca apenas da sua própria satisfação (o lucro, o prazer, ou seja lá o que for), estava sempre implícita na teoria capitalista. Desde a Era da Revolução, observadores de todos os matizes ideológicos previram conseqüente desintegração dos velhos laços sociais na prática e acompanharam seu desenvolvimento. (HOBSBAWM, 2003, p. 25)

Segundo Wilton (2005), com a consolidação das novas relações e dinâmicas de produção capitalista o cidadão transforma-se em uma figura isolada, exilada ou alienada, fica como figurino de uma multidão³ ou da metrópole impessoal. Assim, o cidadão moderno vive um paradoxo, vítima anônima do

³ “Pensamento ou argumento que, apesar de aparentemente correto, apresenta uma conclusão ou conseqüência contraditória, ou em oposição a determinadas verdades aceitas.” (JAPIASSÚ, 2006, p. 211)

confronto com uma burocracia sem face. Com tal descentralização o sujeito acaba deixando de ser autor ou agente da história para ser apenas passivo daquilo que está ocorrendo. Ou seja, somos cidadãos coletivos somente quando estamos no trabalho ou em alguma escola e do contrário somos cada vez mais isolados e massacrados pelo capitalismo selvagem.

É notável relatar a dificuldade de se lidar com uma temática tão polêmica como essa que nos propomos aqui abordar. A tentativa de sumariar essa tão ampla discussão pode levar, no oposto do que se espera, a especulações redutoras e vagas que se perderiam sem questionamento na infinidade de páginas já escritas. Nesse sentido, volvemos o nosso olhar para a questão da sensibilidade nas relações com as pessoas, e vemos como a modernidade rompeu esses valores. Movimento que se tentaremos rastrear.

1. Decadência das sensações humanas

A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazio de valores, mas, ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades.

Walter Benjamin

Na verdade, o medo de nos relacionarmos com as pessoas talvez seja fruto das notícias do nosso cotidiano, que nos alerta sempre no cuidado com estranhos. Saímos de casa desconfiados até mesmo da nossa própria sombra. Pensando dessa forma, também seria estranho nos conectarmos na internet e friamente estabelecer um diálogo insensível e longínquo com colegas *internautas*. O problema maior é que a conversa informal nas esquinas com nossos colegas acabou ficando confinada ao isolamento petrificado das paredes isoladas de uma residência.

O simples hábito de colocar uma sandália para caminhar na rua em busca de liberdade e locomoção está cada vez mais raro. As calçadas estreitas, cercadas de regras e privacidade tiram também a livre locomoção do cidadão, contrariando o direito de ir e vir, já previsto na Constituição Federal Brasileira. O homem contemporâneo trocou as atitudes simples, que eram regidas pelas tradições, por procedimentos frios e insensatos. A pressa do cotidiano também

acaba contaminando cabalmente o nosso bem-estar físico e social. Como já narrava o escritor João do Rio, “Vivemos inteiramente presos ao Automóvel. O Automóvel ritmiza a vida vertiginosa, a ânsia das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de estética, de prazer, de economia, de amor.” (RIO, 1997, p. 149), diante dessa pressa frenética e distante de uma contemplação muito ligada ao pacato tempo que os antigos utilizavam para ler suas obras, deleitando-se assim em toda uma ociosidade coberta de criatividade e imaginação.

Ao tomarmos o conto “A pressa de acabar”, do escritor João do Rio, podemos também contextualizar e dialogar a escravidão do tempo a que vários homens modernos estavam submetidos. Aliás, muitos cidadãos estavam condicionados a uma verdadeira prisão que o trabalho quase sempre manteve. Ora, nesse sentido João do Rio seria uma espécie de profeta e visionário da modernidade caótica que estava se formando em pleno início do século XX. O escritor carioca não irá poupar a irreverência e tampouco os detalhes dessa vida frenética já estabelecida entre os cidadãos que não refletiam sobre a questão do próprio tempo. Vejamos alguns detalhes:

Hoje, não. Hoje, nós somos escravos das horas, dessas senhoras inexoráveis que não cedem nunca e cortam o dia da gente numa triste migalharria de minutos e segundos. Cada hora é para nós distinta, pessoal, característica, porque cada hora representa para nós o acúmulo de várias coisas que nós temos pressa de acabar. (RIO, 1997, p. 150)

Podemos verificar, por meio desse enxerto narrativo, que a ansiedade para realizar todas as obrigações e junto a isso cumprir no tempo desejado os respectivos compromissos faz do homem uma máquina sem direito a reflexão e planejamento. Ou seja, não existe tempo para raciocínio e troca de experiência, apenas uma pressa para que tudo possa ser resolvido de boa maneira e êxito. Nesse sentido, a relação de produção de acordo com o tempo era sempre uma forma de fazer tudo aquilo no menor tempo possível. De maneira análoga, o emérito pensador argentino Ernesto Sábato filosofa sobre essas questões desta forma:

São muito poucas as horas livres que o trabalho nos deixa. Apenas um rápido café da manhã que costumamos tomar já pensando nos problemas do escritório, porque vivemos de tal maneira como produtores que

Cristiano Mello de Oliveira

estamos perdendo a capacidade de parar por alguns minutos diante de uma xícara de café pela manhã, ou de um mate compartilhado. (SÁ-BATO, 2008, p. 18)

Sábato nos alerta para a falta de reflexão e de diálogo com os nossos pares. Parece que essa modernidade que nos abarca consegue subtrair nossos valores e nos diminuir enquanto seres sociais. Pensando bem, essa estranheza acaba se tornando comum nas pessoas. Aliás, é isso que nos torna diferentes e ao mesmo tempo ambíguos diante dos outros homens. Dentro desse atual paradoxo de nossas vidas, é comum vermos uma pessoa sendo ajudada financeiramente por um estranho e repudiando a ajuda de um conhecido, variadas vezes por vergonha de tal ato. Assim podemos concordar paulatinamente que estamos nos tornando pessoas neuróticas e inconscientes da perda de nossas relações de amizade.

Não obstante, a pressa é tanta que quando somos solidários e desejamos ajudar alguém podemos notar que essa pessoa já fica desconfiada que estejamos querendo algo em troca. Isso repetidamente ocorre quando desejamos ser gentil e útil, porém a interpretação é sempre outra. Será que carregamos uma energia negativa em nossos corações? Temperamento pessoal que oscila com nossa variação de humor? Boa parte das vezes, sim.

Antes de nos alongarmos em divagações e elucubrações gratuitas, é necessário estabelecer alguns parâmetros. Em primeiro lugar, afirmarmos que a narrativa tradicional está entrando em decadência e, para isso, devemos de antemão comprovar o motivo dessa carência tão grande. Até agora, tenho usado e abusado da expressão *decadência do ser* no decorrer deste ensaio. Entretanto, seria interessante tentarmos contracenar essa discussão acrescentando relações com alguns valores que estão sendo perdidos na narrativa, que ora me parece aproximar bastante desta discussão.

Retomando o fio, podemos perceber que diante dessa barbárie,⁴ atuante como se fosse uma grande chaga cancerígena – servindo de campo de experimentação para as nossas angústias pecaminosas -, o homem afunda suas magoas no isolamento constante, egoísmo exarcebado, oriundo do acúmulo de bens e fruto de uma corrente que prega o capitalismo desenfreado como

⁴“Para os gregos e romanos, estado de quem é estrangeiro e não civilizado. Posteriormente, para os cristãos, estado dos não evangelizados. Toda civilização pratica atos de barbárie, constituindo verdadeiros atentados aos direitos fundamentais da pessoa humana: crimes nazistas, torturas etc.” (JAPIASSU, 2006, p. 26)

solução passível de correspondência com a própria sociedade. Consumismo em excesso? Somos vítima do cenário neoliberal? Desonestidade com o próximo? Até quando essa barbárie irá permanecer? Como iremos sustentar todo esse conjunto de argumentos? De fato cura as ansiedades, e sobre a desonestidade, a famosa frase “É a lei do mais forte e do mais esperto.”

A dicotomia entre barbárie e civilização⁵ permanece como uma incógnita sem solução. Nesse sentido, tais atributos funcionam lado a lado de maneira bastante paradoxal e buscam oscilar de situação para situação, agindo como se fosse um termômetro cultural bastante irreversível. De um lado, observamos jovens que utilizam muito bem programas de bate-papo e *sites* de relacionamento, porém nunca tiveram interesse na leitura de obras canônicas como *Os Lusíadas*, de Camões. Possivelmente, o motivo dessa perda é esclarecido desta maneira:

Esquecer Camões e Gil Vicente é esquecer a parte mais viva da nossa substância cultural. Nestes exemplos, como no exemplo do latim, trata-se de remontar ao passado, para podermos compreender nosso presente: ou nosso passado como partes da história portuguesa ou nosso passado como herdeiros da cultura romana. Somos esse passado, e esse passado vive em nós: só ele pode ajudar-nos a entender a atualidade que nos modela, e que contribuimos para modelar na exata medida em que conhecemos as influências que nos constituíram. (ROUANET, 2004, p. 314)

Ora, o crítico Sérgio Rouanet chama a nossa atenção para um tipo de perigo constante em nossa formação cultural: precisamos urgentemente reatar os fios que ficaram embaraçados da nossa tardia desvalorização daquilo que constitui a base de uma educação voltada aos moldes tradicionais de entendimento daquilo que é produzido atualmente. Em contrapartida, a narrativa moderna incentivou o desligamento dos nossos valores e tradições e o apoio a não mediação do sujeito conselheiro. Ao longo do tempo, surgiram histórias

⁵ “No pensamento clássico, conjunto dos fenômenos religiosos, intelectuais, políticos e culturais e dos valores que lhes são correspondentes, caracterizando as populações que participam da herança greco-romana e judaico-romana. No pensamento moderno (sentido sociológico), conjunto complexo e durável das características sociais, econômicas, políticas, técnicas, morais, estéticas, religiosas etc.” (JAPIASSÚ, 2006, p. 46)

com vários focos narrativos, várias formas de visão, inúmeras verdades, ora descomprometida, ora sem desejo de levar adiante. A leitura e o tempo para adquirirmos e praticarmos novas experiências ficou condicionado ao jogo de interesses especulativos da sociedade moderna. Paradoxo repetitivo e círculo vicioso? Vejamos o que possivelmente poderá acontecer com o exercício da leitura e com a literatura na citação abaixo:

Hoy se lee poco, mañana no se leerá nada. La literatura parece estar condenada a una declinación inexorable. Los nuevos profetas anuncian el fin de la era de Gutemberg – la era de letra impresa, el ciclo del pensamiento moderno – y el comienzo de la era audiovisual, sensorial, irreflexiva: imágenes, solo imágenes; no aquellas venerables imágenes creadoras del arte y la poesía, sino estas otras, instantáneas, convencionales, planas, de los actuales medios de comunicación. (MIGUEL, 1992, p. 17)⁶

A leitura ou a erudição atualmente acabam sendo trocadas pela sede de estar esteticamente com o corpo em dia para que os outros possam admirar e aceitar. Ou seja, somos capazes de embelezar a nossa fachada e esquecemos o nosso interior, em uma cultura cada vez mais voltada para as aparências. É comum encontramos homens e mulheres queimando várias horas em academias de ginástica, como é o caso do protagonista narrador no conto “A força humana”, de Rubem Fonseca: “Foi sendo o melhor físico do ano. Mas tive que fazer força, não foi parando a série no meio não, foi malhando de manhã e de tarde, dando duro, mas hoje tenho academia, tenho automóvel [...]” (FONSECA, 2004, p. 86). Ao pinçarmos a frase “mas tenho academia, tenho automóvel” podemos verificar uma mescla de fisionomia corporal com o consumismo exagerado. Situações de conforto que a sociedade apenas incutiu na nossa turva mentalidade.

Sob o efeito do consumismo, podemos tomar como exemplo lúcido e analógico a obra *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, em que o protagonista passeia como um andarilho no Centro do Rio de Janeiro e evoca as

⁶ “Hoje se lê pouco, amanhã não se lerá nada. A literatura parece estar condenada a uma decadência inexorável. Os novos profetas anunciam o fim da era de Gutemberg – a era da letra impressa, o ciclo do pensamento moderno – e o começo da era audiovisual, sensorial, irreflexiva: imagens, apenas imagens; não aquelas veneráveis imagens criadoras da arte e da poesia, mas estas outras, instantâneas, convencionais, planas, dos atuais meios de comunicação.”

formas abstratas entre o consumismo exarcebado e sua utilidade no mundo das aparências. Aliás, esse mesmo protagonista-narrador que caminha ocioso nas ruas cariocas irá também fazer uma severa crítica à valorização daquilo que estava no auge da moda. Ora, Isaias, ao caminhar pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, irá ficar encantado com o figurino exposto na vitrine e irá ao mesmo tempo paradoxalmente alimentar uma forte sede de crítica aos modelos consumistas da época. Vejamos alguns detalhes:

Parava diante de uma e de outra, fascinado por aquelas cousas frágeis e caras. As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: Veste-me, ó idiota! Nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber. Sem nós não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade e o domínio. (BARRETO, 1997, p. 15)

Retomemos os narradores clássicos ou tradicionais, como aqui podemos examinar no caso de Machado de Assis, que perpetua uma forma de narrar à qual encanta os leitores, levando dessa forma uma transcendência de valores morais e tratando de assuntos remotos no tempo e no espaço. O escritor tradicional à maneira de Machado abarcava essa contextualização pacata e acrescentava um novo olhar desejando construir algo melhor para a humanidade. Tais hábitos inveterados desses escritores tradicionais eram transmitidos em forma de lendas e narrações que ultrapassam décadas e movimentos literários. Seus protagonistas viviam episódios memoráveis inspirados na Grécia Antiga, aos quais se juntavam outros heróis que conseguiram marcar a humanidade com seus grandes feitos e acontecimentos.

Grosso modo, as obras de grandes escritores considerados cânones podem ser lidas quase com a mesma perspectiva, e seus assuntos, apesar de escritos nos últimos séculos, podem ser lidos com bastante aplicação na época atual. Nesse sentido, muitos cânones literários conseguiram perpetuar assuntos de grande poder de transcendência e atravessamento espiritual. Aliás, muitos escritores trataram de temas como inveja, política, cidade, e naquela época em que escreveram conseguiram profetizar temas e assuntos que continuam bastante atuais. Vejamos na citação: “Machado de Assis está no centro da questão cultural do país porque seu texto soube incorporar o risco implícito na obra de arte, a aparência inofensiva, como que privado de poder e imune a seus efeitos.” (BOSI, 1982, p. 59)

Em contrapartida, se fossemos analisar o romance contemporâneo, as personagens não possuem rumo, geralmente são carcomidas pela solidão, apresentam fissuras de sensibilidade, seus corpos são nutridos por pigmentos mórbidos. Ou seja, comportam-se como fantoches amolecidos pela própria lubricidade, não correspondendo assim ao anseio da sociedade tradicional. Em suma, seus discursos são lamentadores e se mesclam com o fundo melancólico e desesperançado, e conseqüentemente acabam sendo manipulados pela lei do mais forte.

Não obstante, a própria falta de definição das instituições nacionais aumenta ainda mais a fragmentação do sujeito na vida moderna. Por meio da ironia e das piadas que contamos, somos capazes de permanecer indefesos e coniventes com o mundo da corrupção e do jeitinho brasileiro. A desordem anda solta e somos obrigados a conviver com esses infortúnios. É óbvio que temos medo de revolucionar todo esse aparato e modificar para melhor todo esse sistema já viciado e caótico. O sujeito moderno não possui, na maioria das vezes, a capacidade de lutar e modificar aquilo que já está pronto, pois carece de tempo e paciência para transformar e revolucionar.

O homem moderno prosperou em vários sentidos, por meio do trabalho conquistou bens materiais, alcançou poder e *status*, porém sua ganância deixou a desejar em diversos aspectos. Vejamos o caso do protagonista Paulo Honório, do romance *São Bernardo*, que acumulou bens e riquezas e conseqüentemente acabou perdendo a sua integridade humana. A integridade desses homens acaba vagando no mundo, sem direção. Paradoxalmente, esses homens transitam enquanto sujeitos sem rumo e sem objetivos, e várias vezes acabam sendo manipulados pelos donos do poder. Nesse sentido, passamos a nos sentir reféns desse aparato que sacrificou os nossos belos momentos de leitura e reflexão sobre a vida. O ócio criativo passou a ser substituído pelo nosso olhar industrial, tecnológico insensível. O crítico Alfredo Bosi dialoga com bastante seriedade nesta passagem:

A pós-modernidade que aceita o delírio do consumível e do descartável, do imediato e do competitivo, não tem recursos mentais e morais para enfrentar a dissipação dos bens, a disparidade das rendas, o desequilíbrio dos poderes e *status*. A recusa ideológica de olhar para todo natural-humano, que nos constitui e nos convida a ser no-mundo, pode dar-se ares de modéstia epistemológica (oxalá fosse); mas a longo prazo quem a sustenta como programa de pensamento e ação irá perdendo todo critério de valor, e se verá cúmplice das forças da desintegração e da

morte. Diz o povo que o peixe fora d’água começa a apodrecer pela cabeça. (BOSI, 1994, p. 357)

Bosi tece assertivas que complementam o nosso estudo e verifica quase uma maneira irreversível de retornamos aos dizeres tradicionais. Sabemos que os meios tecnológicos vieram para subordinar as antigas e clássicas formas de tradição. O maior problema é que já não conseguimos evitar toda essa parafernália moderna que nos cega cada vez mais em nosso cotidiano. Enquanto isso, somos forçados a aceitar aquilo que a mídia realiza, impondo, manipulando nosso pensamento de forma desgastante e superficial. As emissoras de televisão nos conduzem a um pensar cada vez mais dependente e irracional, subtraindo nossa criatividade e a noção de valores. Vejamos como Terry Eagleton define todo esse momento: “A cultura de ‘massa’ não é produto inevitável da sociedade ‘industrial’, mas fruto de uma forma particular de industrialismo que organiza a produção visando ao lucro, e não ao uso; que se preocupa com que vender, e não com o que é valioso.” (EAGLETON, 1983, p. 46)

Essa cultura televisiva impõe uma relação de autoritarismo inquestionável ao indivíduo, que sempre é utilizado como massa de manobra para determinadas situações. Ou seja, somos atirados a incorporar e aceitar sem critérios e sem maiores delongas a rede de propagandas que o capitalismo desenfreado despeja todos os dias em nossas residências. Certamente fruto cada vez mais de uma competição frenética que toma a cabeça de cada um e destrói o nosso pensar e o raciocínio independente. Somos egoístas ao ponto de considerarmos nossas atitudes normais. Aliás, ousamos admitir que estamos errados por meio de diversas desculpas possíveis e plausíveis. Inventamos todas as formas de justificar os nossos erros. Assim, outorgamos as nossas atitudes cruéis e insensatas. Conseguimos cumprimentar e nos aproximar daqueles que nos interessam e criamos juízos falsos acerca dos que não nos interessam. Falta de ética e caráter? Evidentemente que sim, porém com soluções em longo prazo. Vejamos os detalhes interpretativos do conto “Feliz ano novo” para podermos verificar se a tradição narrativa acabou ou não.

2. Narrador moderno: O conto “Feliz ano novo”, de Rubem Fonseca

Possivelmente foi nos expedientes árdus e frenéticos enquanto exercia o duplo papel de policial e ficcionista que o escritor Rubem Fonseca

escreveu a obra *Feliz ano novo*. Rubem adquiriu uma maneira muito peculiar de escrever. Sua vida de escritor conciliando com a de policial era um tanto agitada.

A obra *Feliz ano novo* foi lançada em outubro de 1975, embora tenha sido recolhida pelo Departamento da Polícia Federal, por ordem do então ministro da Justiça, Armando Falcão. Quase na mesma época, a obra foi proibida de circular em todo o território nacional. Motivos óbvios? Sim, pois o seu conteúdo tratava de questões que atingiam a moral e os bons costumes da sociedade.

Mesmo assim, o escritor Rubem Fonseca não se conformou, entrando com um processo contra a União, que burocraticamente correu por 12 anos, mas o livro já tinha vendido mais de 30 mil exemplares. Foi no ano de 1989 que o escritor obteve decisão favorável do Tribunal Regional Federal, liberando a obra.

A literatura de Rubem Fonseca está bastante ligada ao cinema, signo imagético, provavelmente tendo sido influenciada e endossada pelo Cinema Novo de Glauber Rocha da década de 1960. O escritor segue sua narrativa bem próxima ao roteiro de um filme, em que a linguagem mostra-se presente no momento da fala, não existindo muitas reminiscências de leitura sobre cânones literários. Se os aborda em sua obra, realiza como bricolagem ou efeito sarcástico. É possível notar que variadas vezes esse estilo de narrativa acaba causando impacto nos leitores menos acostumados. Sua trama textual incorpora a aparição do caráter presentificador, extremamente implicados no imediato e sem direito a reflexões. O escritor intencionalmente utiliza na obra enredo disperso, característica do pensar rápido, simulacro de imagens, almejando uma sincronia breve e com reflexos frenéticos à moda cinematográfica de Hollywood.

Voltaremos o nosso estudo brevemente para a ênfase no conto “Feliz ano novo” com a intenção de esmiuçar apenas os recortes textuais em que o estereótipo do narrador moderno esteja presente. É por meio da fecundidade do texto que iremos explorar os principais artifícios desse estilo narrativo enovelado nesses contos, conforme os eixos semânticos utilizados pelo escritor.

Além dessas facetas apenas tangenciadas, é bom lembrar que as personagens do conto “Feliz ano novo” estão demasiadamente preocupadas com interesses pessoais, traduzindo para valores monetários - compra, venda e troca. Assim, vale de tudo para ser feliz e romper com os laços afetivos

dos colegas e amigos. Esses personagens estão exaustos da realidade e consequentemente não narram suas vivências de trocas com o mundo. A prosa de Rubem Fonseca não teria como se eximir dessa contextualização, já que esse universo já faz parte de sua vivência de mundo bastante cruel e feroz. O mundo psicológico é amorfo e nebuloso, coberto de preocupações que não projetam nenhum itinerário fixo.

Rubem Fonseca administra ficcionalmente, em seus contos, uma nova maneira de enxergar o país em plena década de 1970, quando estávamos sob o regime militar. Seus contos fazem os leitores perceberem um país de linguajar vulgar cuja espinha dorsal, de certo modo, é constituída por: práticas criminosas, banalidade com a vida das pessoas envolvidas, em que personalidades verdadeiras desfrutam do poder do dinheiro e abusam da máquina de exclusão social. O escritor deflagra assim o mundo da sociedade consumista e capitalista burguesa carioca, tentando rearmonizar constantemente sua perturbada ordem discursiva que vive das aparências.

Ancoradas no desleixo lexical, esses vocábulos audaciosos ou vulgares - expressões e frases como “mostrar a boceta”, “viu Pereba tocando punheta”, “As mulheres daqui do conjunto não estão mais dando?”, “Homem não deve dar o cú” - causavam pânico geral aos leitores mais tradicionais. Talvez seja esse o fator motriz da irreverência de suas obras.

Além dessas palavras de conteúdo semântico violento e pejorativo, que em uma espécie de fluxo de consciência aparecem intercaladas a lembranças de fatos e episódios - como “só de sacanagem”, “tô morrendo de fome” e certas onomatopeias relacionadas a sons de tiros e murros como “Me amarro nessa máquina, tarratátátá!”, “Mudamos de canal, prum banguê-banguê.” Podemos verificar por meio desses enxertos que é quase comum diante da narrativa encontramos uma indecisão na escolha vocabular em que ressalta o pouco uso da língua culta, em descompasso com as normas mais elegantes. Cabe salientar que o conjunto dessas observações jamais pode prejudicar o valor literário dos contos dessa majestosa obra.

Se fôssemos traçar um panorama resumido da trajetória desse conto, poderíamos descrever alguns tópicos que abreviariam as nossas interpretações. Com efeito, voltando ao tempo da narrativa, que segue de forma cronológica, basicamente dividimos em três momentos:

1. os personagens estão passando fome no apartamento (início);

2. a concretização do assalto (o meio); e
3. a grande ceia de ano-novo (o fim).

Durante essas etapas, o desenrolar da narrativa obedece a um desencaixar de acontecimentos que se entrelaçam como elos interligados.

A questão do espaço (macroespaço) é composta pela própria cidade do Rio de Janeiro. Especificamente, a Zona Sul endinheirada e consumista: “As madames granfinas tão todas de roupa nova, vão entrar o ano-novo dançando com os braços pro alto, já viu como as branqueiras dançam?” (FAN, p. 14);⁷ “Fudido, mas é Zona Sul, perto da praia. Tás querendo que eu vá morar em Nilópolis?” (FAN, p. 20)

Essa dicotomia entre Zonal Sul e subúrbio, o espaço social enquanto determinante financeiro e sinônimo de *status* e poder, denominada por secionamento estratificado (BRAYNER, 1976), sempre foi importante na sociedade carioca. Inclusive nos romances do escritor Lima Barreto, no primeiro quartel do século XX. Em contrapartida, a descrição do ambiente menor (espaço-reduzido) seria o apartamento onde o personagem-narrador reside e depois acontece o assalto na casa (espaço-reduzido) das vítimas: “Subimos pelas escadas e voltamos para o meu apartamento. Abri o pacote.” (FAN, p. 15) Nesses dois locais se passará boa parte da narrativa, começando pelo planejamento do assalto até o próprio delito.

Não obstante, podemos verificar que no cenário ficcional do escritor Rubem Fonseca não existe lugar para a realização plena do desejo e harmonia, que não passa de um delírio ou algo impossível. Sendo assim, resta-nos a seguinte indagação bastante prolífica neste estudo: Como explicar essas oscilações na identidade do emissor-narrador?

Ora, o conto “Feliz ano novo” apresenta um personagem-narrador, protagonista, que não tem o mínimo interesse de revelar a sua identidade, e agindo dessa forma ele possui como finalidade interagir com todas as ações e simultaneamente narrar os acontecimentos. Ou seja, age como se fosse um narrador visto de cima, que conhece todos os fatos/episódios e simula à sua maneira, instigando o próprio leitor. Uma estratégia montada propositalmente por Rubem para distanciar-se do problema e urdir toda a

⁷ Adotaremos a partir de agora a abreviatura FAN para fazer menção ao conto “Feliz ano novo”, na edição indicada nas Referências.

trama textual astuciosamente: “Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no *réveillon*. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham todo o estoque.” (FAN, p. 13)

A tipologia desse narrador-protagonista segue a linhagem do anti-herói, é um personagem plano e vazio, representa diversos criminosos: assassinos, estrupadores, ladrões etc. Sua personalidade sem caráter se metamorfoseia no desenrolar das ações. Assim, tais configurações de caráter permanecem permeáveis à indeterminação dos acontecimentos: navega nos ambientes que deseja e ao mesmo tempo impõe a sua maneira de especular as coisas ao seu redor. A anatomia desses personagens reflete diversos tipos de mentalidades cruéis e malignas.

Vejamos o estereótipo do bandido-inocente, explicando a situação: “Afanei porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba! Você pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo?” (FAN, p. 13)

Vejamos o estereótipo bandido-viciado, fumando maconha, enquanto vê televisão sem reflexão: “Acendemos uns baseados e ficamos vendo a novela. Merda. Mudamos de canal, prum banguê-bangue. Outra bosta.” (FAN, p. 13)

Outro estereótipo, agora o ambicioso e inconformado bandido, cheio de complexo de inferioridade, assume o papel: “Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fudido.” (FAN, p. 14)

A junção desses três estereótipos arquitetados por Rubem Fonseca forma o amalgama violento e criminoso de todo o conto. O narrador-protagonista explora tais dimensões da vida humana. Enuncia tal complexidade com naturalidade e espontaneidade. Vejamos esse diálogo vazio e despojado entre os dois protagonistas Pereba e Zequinha. Uma chuva de “esculachos” se descarrega em cima de cada um, juntamente com um espírito competitivo sobre quem era o mais feio: “Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa.” (FAN, p. 14)

Podemos perceber também que as imagens citadinas evocadas nesse conto revelam os modos de vida de quem perdeu a referência de um mundo possível, em que não existe saída para a desumanização da vida, e a violência

é a única saída diante da falta de perspectiva e desolação. Eis a descrição do personagem Lambreta, que já possuía uma forte bagagem criminoso dos bancos que já havia assaltado: “É vaidoso mas merece. Já trabalhou em São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Vitória, Niterói, para não falar aqui no Rio. Mais de 30 bancos.” (FAN, p. 16)

O contexto dessas variadas capitais remete ainda mais à periculosidade e a transição desses protagonistas criminosos. O aspecto nômade da vivência desses homens provoca ainda mais uma espécie de transição e fuga dos crimes que já cometeram. Após a entrada dos bandidos-protagonistas no interior do apartamento, o clima fica tenso e revoltante, pois eles não tinham encontrado dinheiro em espécie para levar no assalto. Mesmo assim, levariam aquilo que estivesse mais fácil e consumível para sair daquela penúria toda. Precisavam tirar proveito daquela situação custasse o que custasse: “Revistamos os sujeitos. Muito pouca grana. Os putos estavam cheios de cartões de crédito e talões de cheques. Os relógios eram bons, de ouro e platina. Arrancamos as joias das mulheres. Um bocado de ouro e brilhante. Botamos tudo na saca.” (FAN, p. 18)

Verificamos nesse enxerto os variados bandidos levando todas as mercadorias que estavam disponíveis no apartamento. E chegou a hora de levar e saborear também aquilo que poderia dar prazer sexual para esses ladrões tarados e insaciáveis. Vejamos o trecho:

Não vais comer uma bacana destas?, perguntou Pereba.

Não estou a fim. Tenho nojo dessas mulheres. Tô cagando pra elas. Só como mulher que eu gosto. (FAN, p. 20)

Dessa forma, o espetáculo do aniquilamento⁸ sexual é transformado em prazer superior e, ao celebrar os ladrões, o conto celebra, na verdade, a realidade macabra e cruel exposta pelas palavras desse renomado e polêmico escritor.

⁸ “Destruição total de um ser particular ou de um ser geral. Trata-se de uma redução ao nada. Assim, para os materialistas, a morte constitui o aniquilamento do ser humano, vale dizer, de sua individualidade, só permanecendo a matéria de que seu corpo é composto.” (JAPIASSÚ, 2006, p. 11)

Considerações finais

Seja pelas pesquisas aqui realizadas e trazidas à luz pelo estudo da evolução da narrativa mencionada, seja pela oportunidade de estimar a variedade e o escopo da produção desse escritor polêmico e audacioso, o nosso estudo tentou promover discussões e problematizar os possíveis valores da narrativa contemporânea. Sabemos que muitas especulações e dúvidas ainda pairam no ar e nos submete a algumas reflexões e questionamentos sobre tal perspectiva.

Talvez a mais vantajosa maneira de resumir este artigo é relatar que não há uma relação necessária entre uma narrativa tradicional e a tradição de valores, porém existe uma relação de probabilidade. Um escritor como Machado de Assis pode atingir leitores que possuem características modernas, e um Rubem Fonseca transmitir uma gama de valores, mas tais acontecimentos são e permanecerão raros. No entanto, podemos postular que, explícita ou implicitamente, a narrativa evoluiu em diversos sentidos, e para isso resolvemos terminar nosso ensaio com o alerta do intelectual Alejo Carpentier:

Mas isso não quer dizer que o romance, de uma forma geral, esteja em crise. Está em crise quando é submetido aos velhos valores. Está vivo, e muito vivo, ao contrário, quando se transforma em romance épico, quando a possibilidade de ser épico o afasta daquela anedota por demais particular, quando seu próprio movimento lhe permite viver em função de sua época, expressando realidades que são as do tempo em que vive o romancista, do tempo que ele pode captar. (CARPENTIER, 1987, p. 17)

Referências

ALMEIDA, Antonio Manuel. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: Coleção Clássica da Literatura, 2005.

ASSIS, Machado de. Miss Dollar. In: **Contos fluminenses**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Rio de Janeiro:

Ediouro, 1997.

BAKHTIN, Mickail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOSI, Alfredo et al. **Coleção escritores brasileiros: antologia e estudos**. São Paulo: Ática, 1982.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAMARA, Cascudo. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: MEC, 2002.

_____, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Unicamp, 1992.

CARPENTIER, Alejo. **A literatura do maravilhoso**. São Paulo: Vertice, 1987.

CUNHA, Patricia Lessa Flores. **Machado de Assis: um escritor na capital dos trópicos**. São Leopoldo: Editora Unisinos 1995.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FONSECA, Rubem. **Feliz ano novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Rubem. A força humana. Teoria do consumo conspícuo. In: _____. **Contos reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRED, Wilton. **Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: os rios inumeráveis e a república dos bugres**. Florianópolis, UFSC, 2005. (Tese de doutorado).

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

MIGUEL, José. **Introducción a la literatura**. Chile: Editorial Universitária, 1992.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ROUANET, Paulo Sergio. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Org. Raúl Antelo)

SÁBATO, Ernesto. **A resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Seqüências brasileiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

Recebido para publicação em 20 de julho de 2009.

Aceito para publicação em 29 de abril de 2010.